A arte e o corpo como suporte das inter-relações sociais: do cultural ao coletivo

Regilene A. Sarzi Ribeiro (Doutorado PUC/SP: COS)

**Resumo:** Estudo do corpo em obras de arte que o exploram como metáfora do espaço social contemporâneo. Visa à investigação e reflexão do tema por meio da análise das obras Você faz parte (1990) de Nelson Leirner e Body Building (2002) de Alex Flemming, que reafirmam o papel singular que as artes visuais possuem no discurso questionador contra a objetificação do corpo.

**Palavras-chave:** corpo e cultura, artes visuais, discursos do corpo,

**Abstract:** A study in art works of the body that explore how metaphor of the contemporary social space. It aims to research and reflect on this subject by analyzing the works You part (1990) Nelson Leirner and Body Building (2002) Alex Flemming reaffirm the unique role that the visual arts have in speaking against the objectification of the questioner body.

**Keywords:** body and culture, visual arts, discourses of the body,

As transformações por que passam o corpo humano, natural e fisiológico, são observadas por estudos que relacionam estas mudanças a comportamentos culturais e coletivos de construção do corpo como estrutura social. Tais transformações são vivenciadas nos espaços sociais e resultam em corpos aprisionados por contingências culturais de modelos e padrões, como os de beleza, sensualidade e saúde, por vezes inalcançáveis.

Igualmente, são denominados corpos dóceis àqueles resultantes das relações de poder encontradas nas sociedades modernas e analisadas pelo filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). Tal como corpos domesticados por um biopoder<sup>1</sup>, cujos mecanismos de controle visam diretamente à ação de um poder sobre a vida, a biologia dos corpos e os comportamentos sócioculturais para instalar certas formas corporais e subjetivas<sup>2</sup>.

As considerações tecidas neste ensaio visam à investigação e reflexão de algumas formas corporais subjetivas figurativizadas pelas artes visuais, por meio da análise de obras que atualmente discutem o corpo como estruturas sociais que ditam padrões de representações corporais, estereótipos e convenções sociais. Além disso, destacam o modo como o corpo é figurativizado ao servir como narrativa em discursos e posições críticas diante do ilusório controle que imaginamos ter sobre nossos corpos. Além de refletir sobre o papel das artes visuais no despertar de olhares lúcidos sobre os diferentes modos de relacionamentos corporais vivenciados nos espaços sociais contemporâneos.

Segundo o sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss (1872-1950), cada cultura constrói seu corpo e seus modos de comportamento conforme um conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições, as quais também caracterizam a imagem corporal<sup>3</sup>. Um corpo composto de suas dimensões fisiológicas e biológicas, de carne e osso que vive e experimenta, representa e sente o mundo conforme sua cultura permite. Portanto, cada sociedade possui um corpo peculiar, composto de formas corporais concretas e subjetivas, cuja valorização ela mesmo estabelece acentuando certos atributos e incentivando comportamentos em detrimento de outros.

Do corpo natural, orgânico, que nasce da união de nossos pais repleto de marcas e sinais hereditários, surge um corpo que poderá variar segundo o contexto histórico e cultural, a ser adquirido pelos membros da sociedade por meio da imitação prestigiosa. Tal comportamento se configura quando indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e tornaram-se bem sucedidos, sobretudo, aqueles aceitos pela sociedade, e no mundo moderno aqueles aceitos e idealizados pela cultura de massa.

Isso explica a atração desmedida pelas figuras das modelos do mundo das passarelas e astros do cinema ou da televisão que modulam a imagem corporal contemporânea. Os pesquisadores do campo da moda afirmam que o corpo na cultura brasileira parece estar no centro das estratégias do vestir<sup>4</sup>, diferentemente da cultura francesa, por exemplo, que organiza suas estratégias no campo da moda centrada na roupa, mais do que no corpo. Tal interesse

pelo corpo fica claro quando nos deparamos com números que indicam as mulheres brasileiras como campeãs na busca de corpos perfeitos. Tanto que o Brasil é o primeiro país do mundo em cirurgias plásticas. "São três as principais motivações para fazer uma plástica: atenuar os efeitos do envelhecimento, corrigir defeitos físicos e esculpir um corpo perfeito. No Brasil, esta última motivação é a que mais cresce: a busca de um corpo perfeito" <sup>5</sup>.

Nas Artes Visuais este corpo típico, moldado pela cultura, pelos meios de comunicação de massa, pela moda, pela indústria cultural, e, sobretudo, pelas relações experimentadas nos espaços sociais, é referência para discussões sobre os padrões impostos pelo corpo social. Modelos de gêneros e tipos femininos e masculinos, promovidos pela diferença entre as culturas, pela estética das academias e pela contradição entre vida e morte dos conflitos armados mundiais. Interessa-nos, portanto, o modo como a arte questiona e desvela este corpo-cultural, corpo idealizado construído conforme a cultura e a sociedade em que está inserido. Em suma, a representação do corpo e as imagens corporais sempre estiveram em foco nas artes visuais, passando por mudanças técnicas e conceituais tão intensas quanto àquelas sofridas pelo corpo no momento de sua interação com as transformações sociais, impressas pela cultura na construção de seus padrões e modelos corporais.

Na história da representação do corpo a passagem do século XVIII para o XIX é destacada como o momento ímpar na configuração do olhar do homem sobre si mesmo. Este novo olhar altera sensivelmente o sistema de representação da figura humana, antes pautado na tradição clássica, na inspiração religiosa e na imagem de um corpo belo e coeso. Agora a representação do corpo será determinada pela frieza e racionalidade técnicas, que o expõe em sua fragilidade, aproximando o corpo da realidade, mas também dando visibilidade a simbolizações e discursos sensíveis do corpo.

Das vanguardas artísticas até a arte contemporânea, o corpo será ao mesmo tempo forma e conteúdo, suporte e tema, de inúmeras e inimagináveis mutações e figurativizações nas artes visuais. Desencadeando manifestações artísticas nunca antes vistas, mas que são trazidas à tona em função dos constantes questionamentos a respeito do corpo propostos pela arte contemporânea. Nesse contexto nascem manifestações, tais como a *Action Painting* (1950), o *Happening* (1960) e a *Body Art* (1965), cujas

problematizações do corpo irão conferir, posteriormente, singularidade às vídeoartes e às vídeoinstalações.

## A arte e o corpo como suporte das inter-relações sociais

A Arte do século XX e XXI é marcada pelo ecletismo generalizado, variedade inquietante de estilos e por obras que refletem causas e preocupações coletivas dando visibilidade a corpos repletos de valores e conotações sociais. No Brasil a partir dos anos de 1990, surge uma geração de artistas que iniciam um movimento de retorno ao corpo como tema central de suas discussões no campo social. Como a obra *Você também faz parte* (1990) de Nelson Leirner [fig.01] que interroga estereótipos e imposições de padrões de comportamentos masculinos e femininos, questões de gênero e modelos corporais.



Figura 01 – Nelson Leirner Você Também faz parte. (1990)

Este painel nasceu da apropriação de duas pinturas realizadas sobre espelhos com tinta e purpurina compradas pelo artista em uma loja do bairro da Liberdade, em São Paulo. As duas pinturas formam um par, retratam um homem e uma mulher, e são consideradas pinturas de mau gosto se observadas dentro de um refinamento burguês e culto. Ambas possuem a mesma dimensão, suporte e procedimento estilístico, além de ser a representação de um padrão de imagem de homem e mulher intensamente divulgada por estas peças de decoração estereotipadas e banalizadas pelo comércio popular.

A obra é composta destas pinturas sobre espelhos, dispostas na extremidade direita e esquerda da obra, e por desenhos que Leirner fez destas mesmas figuras, dispostas no lado contrário uma da outra e mais ao centro do painel. Na extremidade esquerda se encontra a imagem de uma mulher que tem seu corpo exposto como um corpo objeto sensual, cuja sexualidade está semi-oculta por adereços preciosos, emoldurado por uma cabeleira intensa e por duas onças dispostas aos seus pés. A atitude da mulher é ao mesmo tempo sugestiva e ambígua, pois da cintura para cima seu corpo é exposto por seios volumosos, excitantes, mas da cintura para baixo ela mesmo se recusa à exposição e esconde seu sexo com uma das pernas e mão. À extrema direita, do outro lado, está o homem, soberano, forte, másculo e seminu, possui uma arma na cintura e dois leões ao seu lado. Sua vestimenta, uma tanga, esconde seu sexo, e sua postura é imponente e viril. Têm o queixo levemente inclinado para o alto, não olha diretamente para o espectador, mas tem um leve tom de arrogância e soberba.

Tanto a mulher quanto o homem fazem poses. O homem segura a cintura e a mulher tem sobre a cabeça um dos braços, caracterizando posições de virilidade e sensualidade, respectivamente masculinas e femininas, como se estivessem de fato sendo observados por uma câmera fotográfica. Ambos têm um leve sorriso no rosto e sabem da sensualidade e dos apelos físicos de que dispõem, pois parecem se aproveitar destes atributos para se expor diante do público.

Juntos, homem e mulher, dois seres lado a lado, prontos para a batalha selvagem da conquista de seus corpos. Nelson Leirner a partir das mesmas imagens dos espelhos faz um desenho a lápis sobre papel, deslocando os dois personagens de seus locais originais. O artista de modo criativo compõe um tríptico, deixando as pinturas sobre os espelhos nas laterais, o homem de um lado e a mulher do outro, como corpos erotizados e opostos. No centro, Leirner troca as posições das figuras e coloca os seus desenhos como indicadores da presença de um terceiro, o artista representado por seus desenhos, que se encontram agora no meio do casal, entre os gêneros estereotipados. Tal como um destinador, o artista se posiciona no centro do conflito, projetando o inverso do que seria um espelho, e nos convida para fazer o mesmo.

O casal é separado pela presença de destaque dos animais tais como feras que lutam numa arena, num ringue. Os animais atracados são ferozes e não estão pacíficos como os das imagens dos espelhos nas extremidades do tríptico. Os leões, guardiãs do exemplar masculino, partem para a disputa do status dentro do espaço social, contra-atacados pelas tigresas fêmeas que defendem a espécie feminina. O deslocamento dos felinos para o centro do tríptico figurativiza a encenação social dos papéis masculinos e femininos que constantemente deixam suas condições de símbolos passivos ou domesticados para assumir figuras impostas socialmente de homem e mulher, em situações que envolvem casamento, filhos, emprego, posição social e outros jogos de poder.

A pintura de Leirner nos convida à discussão direta sobre as relações conturbadas e animalescas entre homens e mulheres, o que seria o mesmo que discutir as representações corporais repletas de referências culturais, sobre como é o comportamento feminino e masculino. O evidente apelo sensual das figuras apresenta-se não apenas como a discussão de estereótipos, mas serve de estratégia para chamar à atenção do espectador que poderia tranquilamente relacionar a imagem do casal, vestido de puro fetiche, a qualquer rótulo de bebida afrodisíaca vendidas em mercados populares. Esta beleza corporal vulgar construída socialmente é posta em cheque como em um ringue, visando demonstrar que as representações culturais do corpo humano são palatáveis conforme o aval daquilo que se constrói como adequado<sup>6</sup>.

Observem agora o título: *Você também faz parte*. Ao colocar este nome na obra, Leirner nos impõe uma sentença: todos podem participar ou fazer parte, independente da classe social. Além de escancarar estereótipos, padrões de comportamento impostos por modelos sociais, o artista nos acusa de participar destas estruturas sociais, mesmo que isso não seja da nossa vontade. Sua composição diz muito mais do que algumas questões de gênero, já que apresenta dois corpos culturais gerados por hábitos, comportamentos e padrões de beleza ditados por imagens corporais construídas socialmente. Leirner desbanca os padrões apresentando as reais intenções das representações corporais ali estampadas. Escancara as estruturas simbólicas e

sociais desta iconografia, e não apenas propõe esta crítica, como a concretiza em sua composição plástica.

Alex Flemming, por sua vez, propõe uma reflexão sobre o corpo na sociedade contemporânea por outro caminho, não menos metafórico. O caminho das questões políticas. O lugar do corpo como metáfora de outra estrutura coletiva, que não o estereotipo de gênero, mas os estereótipos do político e estético. O corpo coletivo, e as relações de poder nos espaços culturais coletivos, das academias de ginástica às zonas de conflitos mundiais.

Músculos, braços fortes, sensualidade e beleza versus mapas de regiões em conflitos e guerras pelo planeta na forma de imagens sobrepostas como tatuagens e sinais do sofrimento imposto aos corpos. Contradições contemporâneas. Cartografias da vida e da morte. O artista imprime em uma mesma imagem do corpo, a vida e a morte. A vida simbolizada por corpos sensuais e viris, em contraposição à morte impressa sobre eles na forma de cartografias da guerra. Imagens de diferentes mapas políticos de zonas de conflitos, sobrepostas às zonas mais prazerosas do corpo masculino ou feminino. Espaços corporais de prazer e poder. Metáfora dos espaços sociais cada vez mais populosos, repletos de mecanismos de controle e cerceamento do prazer.

Posto que os espaços sociais, tais como aqueles considerados espaços coletivos, proporcionam ao indivíduo trabalho, educação, vida cultural e conhecimento sobre si mesmo ou sobre os seus iguais e diferentes. Mas, estes mesmos espaços sociais serão também cenários de contradições e manifestações de conturbadas relações corporais, como o consumismo desenfreado, a cultura dos *body modification* <sup>7</sup>, das academias de ginásticas e centros de cirurgias plásticas, assim como das câmeras de vigilância que impõem o *big brother* que tudo olha, aprova ou condena.

As obras da série *Body Building* (2002) de Alex Flemming são consideradas denuncias verbos-visuais da prescrição social de corpos modelados, fortes, gigantescamente elevados como deuses gregos, revestidos de pele humana estampadas pelos conflitos armados, marcas que a própria sociedade lhes atribui. Como a obra *Dez mil refugiados no meio do front* (2001), [fig.02] cujo corpo feminino de costas e com as mãos espalmadas, traz nas costas, logo acima dos quadris, um mapa sobreposto de áreas de conflito

no Oriente Médio, que se molda às curvas femininas. As formas dos espaços que se encontram na sombra tomam contornos triangulares, em harmonia formal com as curvas sobre os cotovelos, abaixo dos cabelos, numa relação com a geografia da região impressa pelo mapa nas costas da figura da mulher. O contorno do mapa estampado nas costas possui a mesma sinuosidade das costas do corpo. A cor da pele em tons de laranja e vermelho intensos nos remete ao sangue, mas também ao calor do corpo, que sentado e de costas, com as mãos espalmadas nos recorda a posição de rendição, comum aos prisioneiros.

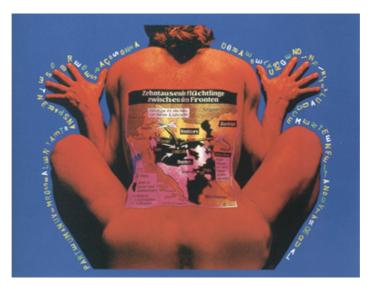


Figura 02 – Alex Flemming – Dez mil refugiados no meio do front (2001)

São corpos cenários de conflitos, impressos sobre áreas sensuais e erógenas do corpo humano, seguidos de textos bíblicos. As sobreposições dos mapas sobre os corpos são como imagens e desenhos de tatuagens, que impressas sobre a pele deixam sinais gráficos e marcas físicas, tal como heranças de mutilações e intervenções cirúrgicas.

Desse modo, o artista tem no corpo diferentes possibilidades de significação e ressignificação deste corpo coletivo, mas também cultural, nos quais as batalhas travadas lidam diariamente com a beleza e a morte. Tanto exercícios de guerra, quanto os de modelagem estética desenham e redesenham músculos e formas sensuais, mas também matam e mutilam. Esta relação que Flemming destaca entre áreas de conflitos sociais – guerras – e as áreas do corpo – sensuais – podem ser traduzidas como conflitos estéticos que

se referem aos conflitos que envolvem disputas de poder entre os sexos, envolvendo a sensualidade e a libido. A retórica de Flemming se revela na idéia do corpo como significação cultural e ambiente coletivo inquietante, conflituoso que se apresenta no norte das produções artísticas contemporâneas, as quais relacionam o corpo do homem com o corpo social. Um corpo instalado por inúmeras realizações sociais e embates político-culturais <sup>8</sup>.

Ainda na série *Body Building*, é possível outra aproximação com o imaginário do corpo cultural versus um corpo coletivo. Agora pelo aspecto físico dos corpos modelados pelos exercícios de malhação e a inserção em seus torsos de mapas territoriais de zonas de conflito do nosso tempo, os quais apontam para as contradições do mundo contemporâneo. Entre estas contradições, está a falta de limites para a dominação do corpo pelos sujeitos individuais que modelam, recortam, potencializam a energia de seus corpos e os constroem em espaços sociais como academias e centros de estética, corpos modelados por desejos coletivos, desenhados cada um à sua cultura.

Contudo, os corpos continuam frágeis, passíveis de destruição frente a decisões exteriores a eles, como as decisões políticas arbitrárias baseadas nos interesses e nas lutas de poder que resistem à lógica da preservação humana. Um contraste, belo e frio, entre as áreas de prazer e de conflito, respectivamente. Uma relação direta entre o corpo natural que se modifica segundo modelos de um corpo histórico e cultural a e ser adquirido pelos membros da sociedade. Alex Flemming quer denunciar, por meio de seus corpos musculosos e tatuados pelos conflitos sociais, que os modelos corporais são um jogo entre a condição humana, visível, e o que está escondido por trás da presença corporal, o poder invisível sobre os corpos. Por isso, toma o corpo físico como figura central de identidade do espaço coletivo, do corpo cultural coletivo e revela um corpo que está vivo, mas também contêm em si as marcas da destruição e morte social e cultural. Como marcas ou sinais que, aceitos ou não, quer tenhamos consciência delas ou não, poderão ser impressas em todo corpo coletivo.

Em suma, ambas as obras observadas reafirmam o papel singular que as artes visuais possuem no discurso questionador contra a objetificação do corpo. Leirner e Flemming denunciam o que está por trás dos discursos do corpo, por meio de contra modelos e poéticas de subjetificação, humanização e

sensibilização do corpo. Se Nelson Leirner apresenta uma crítica que desconstrói a imagem popularesca, estereotipada, do corpo feminino e masculino construída pela sociedade consumista e preconceituosa, Flemming questiona as marcas impostas aos corpos contemporâneos pela contradição social das guerras e das acadêmicas de ginástica. A guerra que impõem o conflito armado e nos recorda a morte diariamente na televisão, é a mesma das academias de ginástica, que impõe à beleza dos corpos, só que com outras armas.

Cada artista à sua maneira dá visibilidade ao corpo em conflito. O conflito dos corpos, na guerra dos sexos, em motins que não se ganham. Batalhas travadas no meio cultural, infligidas socialmente. Disputas entre a beleza da vida e a tragédia da morte. Domínios sobre os corpos, naturais modelados culturalmente pelas estruturas sociais que impõe suas forças para edificar corpos culturais, projetados para controle e domínio. Nesse sentido os questionamentos propostos pelas artes visuais, como vimos, podem nos trazer a lucidez crítica, já que corpos coletivos serão sempre corpos culturais.

1

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> FOUCAULT. M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico:* corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p.10.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Nu & vestido:* dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> GOLDENBERG, Mirian. Corpo e Dominação Masculina na Cultura Brasileira. In: COCCHIARALE, Fernando. et. al. *Corpo*. São Paulo: Itaú Cultural. 2005. p.122.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> CHAIMOVICH, Felipe. Nelson Leirner. In: CINTRÃO, Rejane. (coord.). *Panorama de arte brasileira.* 1999. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 1999.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> VILLAÇA, Nízia e GÓES, Fred. (org.) *Em nome do Corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> BARBOSA, Ana. Mae. (org.). *Alex Flemming*. São Paulo: Edusp, 2002